Há vida no silêncio das mulheres

Reflexão sobre a mensagem de Bento XVI pelo 46º Dia mundial das comunicações sociais.

"Eu nasci no silêncio, / fui concebido no silêncio , / fui fugitivo do silêncio . E agora / se me pregarem numa cruz,/ não fazem mais que pregar / as asas de uma borboleta/ finalmente livre" escrevia Alda Merini (na Mística do amor), colhendo – entre outra coisas – a força da comunicação posta em atitude por Jesus. Não, por acaso, Bento XVI em sua mensagem pelo 46º Dia mundial das comunicações sociais indica o silêncio como caminho de evangelização, ao lado e até antes da palavra.

Uma comunicação deteriorada, vazia, barulhenta, fria: esta, segundo o Papa, é a comunicação feita somente de palavras e que exclui o silêncio. Palavra e silêncio são indispensáveis juntos, tratando-se de "dois momentos da comunicação que devem equilibrar-se, suceder-se e integrar-se para obter um diálogo autêntico e uma profunda aproximação entre as pessoas" Bento XVI, com esta intervenção revela, entre outras coisas, uma aproximação autêntica e singular com as mulheres (seria preciso acrescentar: "surpreendente", mas sabemos que o Pontífice já nos habituou com essas "surpresas"). Uma aproximação de ótica, de sensibilidades, quase de identificação. Porque desde sempre – e a partir de Maria – o verdadeiro silêncio, aquele que transmite, aquele que nada tem a ver com o mutismo, com o não ter nada para dizer, é uma presença viva e fecunda na vida das mulheres. Basta pensar na relação entre uma mãe e seu filho, antes do nascimento e imediatamente após. Um diálogo mudo que se torna linfa vital, quer pela vida in fieri, como pela vida já formada; uma que se nutre no silêncio nos seus primeiros passos e outra que pelo silêncio traz novas descobertas.

Como lembra o Papa, o silêncio é um requisito indispensável para a comunicação, porque opera num duplo plano. Trata-se de um silêncio que nos permite conhecer-nos melhor a nós mesmos e depois conhecer o interlocutor. É uma esfera na qual, verdadeiramente, toda a liberdade da pessoa humana tem como abrir-se e manifestar-se, na tentativa de dar valor e significado à mensagem que cada um – a partir de seu âmbito cotidiano, mas de modo particular (de alguma forma) faz-se comunicação – é porta voz.

Portanto, um silêncio vital, porque a vida cotidiana nos mostra, com frequência, que o silêncio autêntico tem capacidade de unir muito bem as palavras.

Mas o silêncio pode também tornar-se perigoso, se for mal interpretado ou mal usado. Aquele silêncio tão denso, mas facilmente evaporável; tão rico, mas com o risco concreto de tornar-se pó; tão capaz de guiar silenciosamente, mas escorregadio e com tendência à prepotência.

Meditando e ruminando a mensagem de Bento XVI, volta-nos ao pensamento uma passagem do diário de Etty Hillesum, que revela uma aproximação absoluta – silenciosa e ensurdecedora – com as palavras do Papa. "Gostaria de escrever palavras que fossem organicamente inseridas num grande silêncio, e não palavras que existem somente para cobri-lo e dispensá-lo: antes, deveriam acentuá-lo". É uma mensagem explosiva que juntos Joseph e Etty, nos colocam nas mãos e se fundam no espírito.

Giulia Galeotti, giornalista